

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA

DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

NÁDIA APARECIDA AMBRÓSIO

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS DE OURO PRETO:

Bona Culturalia e Museu Eclesiástico

Ouro Preto – MG Julho 2019

NÁDIA APARECIDA AMBRÓSIO

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS DE OURO PRETO:

Bona Culturalia e Museu Eclesiástico

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (DE-MUT/UFOP) como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Célio Macedo Alves

Ouro Preto – MG Julho 2019 A496i Ambrósio, Nádia Aparecida.

Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto: *Bona Culturalia* e Museu Eclesiástico. [manuscrito] / Nádia Aparecida Ambrósio – 2019.

64 f. : il.

Inclui anexos.

Orientador: Prof. Dr. Célio Macedo Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Exatas e Biológicas. Departamento de Museologia. Curso de Museologia.

1. Igreja São Francisco de Assis - Ouro Preto (MG). 2. Patrimônio cultural. 3. Museus.. 4. Igrejas-Minas Gerais.. I. Salves, Célio Macedo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU:069.15

Fonte de Catalogação: SISBIN/UFOP



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO REITORIA ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

NÁDIA APARECIDA AMBRÓSIO

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS DE OURO PRETO: BONA CULTURALIA E MUSEU ECLESIÁSTICO

Membros da banca VÂNIA CARVALHO DOS SANTOS - DOUTORA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO YARA MATTOS - DOUTORA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO CÉLIO MACEDO ALVES (ORIENTADOR) - DOUTOR - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Versão final Aprovado em 14 DE JULHO DE 2019

CÉLIO MACEDO ALVES (orientador)



Documento assinado eletronicamente por Celio Macedo Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 13/11/2019, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php? acao=documento conferir&id orgao acesso externo=0, informando o código verificador 0021874 e o código CRC AE17F0BC.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.203092/2019-93

SEI nº 0021874

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000 Telefone: - www.ufop.bi



AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Ouro Preto, por proporcionar-me conhecimento.

"Algumas pessoas se destacam para nós. Não há argumento capaz de nos fazer entender exatamente como isso acontece. Por que dançam conosco com mais leveza nessa coreografia bela, e tantas vezes atrapalhada, dos encontros humanos. Muitas vezes tentamos explicar, em vão, a medida do nosso bem querer. A doçura de que é feito o olhar que lhes dirigimos O sentimento que nos move para ajudá-las a despertar um único sorriso. Não importa quando encontramos o nosso caminho. Parece que estão na nossa vida desde sempre e que mesmo depois dela permanecerão conosco." (Ana Jácomo)

Agradeço a Deus, por sempre iluminar meu caminho com pessoas maravilhosas. Aos meus pais Alvina e Geraldo, que foram meus modelos a seguir por uma vida digna e honesta. Também, me ensinaram a encarar a vida com serenidade e nunca desistir dos meus sonhos. Sei que de onde estão torcem por mim. Aos meus irmãos, sobrinhos e cunhada pelo apoio e incentivo. Aos meus amigos por sempre me estenderem a mão nos momentos difíceis desta caminhada, por sempre me lembrarem do meu sonho quando eu fraquejava e por nunca me deixarem cair. Obrigado por sempre me fazerem sorrir. Aos meus tios e primos pelo apreço, pelo empurrão inicial o e pelas palavras de entusiasmo e alegria. Agradeço também aos amigos pela amizade e companheirismo e por deixarem tão divertida esta jornada.

Aos mestres do Departamento de Museologia, em especial o Prof. Dr. Célio Macedo Alves pela paciência, competência por acreditar no meu projeto e toda atenção diária, proporcionando-me a ampliação dos meus conhecimentos. "Se vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes" (Isaac Newton).

A todos muito obrigada!

Vamos visitar São Francisco de Assis Igreja feita pela gente de Minas O sacristão que é vizinho da Maria Cana-Verde Abre e mostra o abandono Os púlpitos do Aleijadinho O teto do Ataíde

> Mas a dramatização finalizou Ladeiras do passado Esquartejamento e conjurações Sob o Itacolomi Nos poços mecânicos policiados Da Passagem E em alguns maus alexandrinos

> > Só o Morro da Queimada Fala do Conde de Assumar"

OSWALD DE ANDRADE

(IN: CARDOSO FILHO, Jusberto (org.). **Antologia Poética de Ouro Preto.** Ouro Preto: Ed. Do Autor, 1995. p. 54)

AMBROSIO, Nádia Aparecida. **Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto: bo- na culturalia e Museu Eclesiástico.** 2019. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto – MG.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Museologia possui um olhar especial para um dos bona culturalia e museu eclesiástico mais apreciados, exuberantes e notáveis de Ouro Preto. Trate-se da Igreja de São Francisco de Assis, que é parte integrante do Museu Aleijadinho. As reflexões, a investigação e as conclusões giram em torno dos conceitos de museologia e museu eclesiástico, tais como educação museal, educação patrimonial, legislação cultural, patrimônio, conservação e proteção de bens culturais. Construção iniciada em 1766 pela Ordem Terceira de São Francisco, tombada individualmente em Ouro Preto em âmbito federal (em 1938), essa igreja-museu é considerada como patrimônio mundial, nacional, estadual, municipal e da Igreja Católica. Assim, a Igreja em guestão deve contemplar todas as legislações pertinentes, especialmente, para conservação, proteção e difusão do patrimônio próprio e relacionado à sua trajetória de vida e acervo. Nosso estudo, assim, buscou compreender a relevância desse patrimônio, os mecanismos de proteção e conservação e contribuir a fim de que os conceitos arrolados e as contribuições da Museologia sejam, de fato e de direito, percebidos e inseridos nessa importante e bela igreja-museu. Concluímos que os conceitos da museologia e o sentimento de pertencimento da comunidade ouro-pretana, associados a fé católica, asseguram e validam proteção, conservação e difusa do patrimônio em estudo.

Palavras-chave: Bem Cultural. Patrimônio. Museu-igreja. Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. Educação Museal.

AMBROSIO, Nádia Aparecida. São Francisco de Assis Church of Ouro Preto: bona culturalia and Ecclesiastical Museum. 2019. Monograph - Bachelor's degree in Museology from the School of Law, Tourism and Museology of the Federal University of Ouro Preto - MG.

SUMMARY

This Course Completion Work (TCC) in Museology has a special look at one of Ouro Preto's most appreciated, exuberant and notable bona cultural and ecclesiastical museums. This is the Church of St. Francis of Assisi, which is an integral part of the Aleijadinho Museum. Refletions, research and conclusions revolve around the concepts of museology and ecclesiastical museum, such as museum education, patrimonial education, cultural legislation, patrimony, conservation and protection of cultural assets. Construction started in 1766 by the Third Order of St. Francis, individually listed in Ouro Preto at the federal level (in 1938), this church-museum is considered as world heritage, national, state, municipal and the Catholic Church. Thus, the Church in question must contemplate all pertinent legislation, especially for the conservation, protection and diffusion of its own patrimony and related to its life and heritage trajectory. Our aim, therefore, was to understand the relevance of this patrimony, the mechanisms of protection and conservation, and to contribute to the fact that the concepts and con-tributions of Museology are, in fact and in law, perceived and inserted in this im- and beautiful church-museum. We conclude that the concepts of museology and the sense of belonging of the gold-black community, associated with the Catholic faith, ensure and validate the protection, conservation and diffusion of the patrimony under study.

Keywords: Cultural Well. Patrimony. Museum-church. Church of St. Francis of Assisi in Ouro Preto. Education Museum.

LISTA DE IMAGENS

Figura	1: Igreja São Francisco de Assis	.13
Figura	2: Detalhe / Igreja São Francisco de Assis	.15
Figura	3: Glossário do Instituto Brasileiro de Museus	.22
Figura	4: Igreja São Francisco de Assis	.35
Figura	5: Destaque Teto da Igreja São Francisco de Assis	.36
Figura	6: Projeto Figurinha	.36
Figura	7: Layout do site do Museu Aleijadinho	.37
Figura	8: Circuito do Museu	.38
Figura	9: Imagens do artista Aleijadinho	.39
Figura	10: Fotografia – Sentidos Urbanos	41
Figura	11: Ouro Preto antiga	.44
Figura ⁻	12: Guia Cultural	.45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PNEM – Política Nacional de Educação Museal

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação,

a Ciência e a Cultura

FUNDARQ – Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		
CAPITULO 1		
1.1 FUNDAMENTAÇAO TEORICA	13	
1.2 BEM CULTURAL		
1.3 PATRIMÔNIO	15	
1.4 IDENTIDADE	16	
1.5 LEGISLAÇÃO CULTURAL		
1.6 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL		
1.7 EDUCAÇÃO MUSEAL		
1.8 MUSEU	23	
1.9 TIPOLOGIAS DE MUSEU	25	
1.10 MUSEU ECLESIÁSTICO		
CAPÍTULO 2		
2.1 METODOLOGIA	31	
CAPÍTULO 3		
3.1 ESTUDO DE CASO	35	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46	
REFERÊNCIAS	48	
ANEXO	50	

INTRODUÇÃO

É pertinente estudar o tema *bona culturalia*¹ da Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto: conexão entre patrimônio, cultura e museu-igreja nos dias atuais, no qual estarmos mergulhados com as suas características: incertezas, desinformação, etc.

A Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto integra as igrejas católicas no mundo. Pelas suas características, data de fundação (1788) e caracterização barroca de influência portuguesa, essa Igreja possui valor artístico, cultural, histórico e assim sendo de interesse para conservação, estudo e visitação pelos mais diversos povos.

Considerando, que está localizada na antiga Vila Rica, essa Igreja integra um roteiro turístico altamente conceituado, de interesse nacional e internacional, e, assim, de controle dos mais diversos órgãos e sistemas de proteção dos bens culturais nas esferas municipal, estadual, federal e ainda da própria instituição mantedora e possuidora desse patrimônio – Igreja Católica, representada pela Arquidiocese de Mariana e Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Ouro Preto, Minas Gerais (MG).

Associado à legislação dessas esferas, a Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto está subordinada a uma legislação específica da Igreja Católica em consonância com as outras.

Nesse caso, estudar esse tema implica na leitura e nas reflexões dessas legislações, identificando os bens culturais ou patrimônio que compreende toda a Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto, e a investigação da aplicação desses instrumentos de conservação, proteção e valorização dessa nossa riqueza católica, ouro-pretana, mineira, brasileira e mundial.

Essas ações que fizeram com que esse patrimônio construído nos anos de 1788 chegasse até os nossos dias é um imenso investimento humano, amparado nas diversas leis, entidades e associações de cunho preservacionista desenvolveram educação patrimonial/educação museal.

Considerando ainda os últimos acidentes no Brasil, em Mariana e Brumadinho, compreendemos que os mecanismos de conservação e proteção patrimonial necessitam

٠

¹ Bona culturalia – Bens Culturais da Igreja ou Patrimônio histórico, artístico e cultural da Igreja Católica.

de uma postura mais envolvida, encorajada e articulada da sociedade brasileira. Vale destacar um crime recentemente divulgado que danificou a porta da Igreja do Rosário de Ouro Preto. Essas ações intencionais ou não implicaram em destruição e ameaça à vida e aos patrimônios naturais e culturais.

Ao longo de sua história, a Santa Sé teve sempre de tratar com as autoridades civis sobre o patrimônio eclesiástico que inclui os bens culturais, estipulando tratados, convênios ou modus vivendi, fomentando maior precisão sobre a questão.

Há uma preocupação em garantir a propriedade e evitar uma invasão de campo das duas partes, Igreja e Estado, pois é notável ver que os bens culturais são considerados patrimônio cultural nacional que deve ser colocado à disposição de todos. Isso levou à convicção de que Igreja e Estado deviam colaborar e entender-se em bases jurídicas e estipular convênios sobre a matéria, a fim de garantir e facilitar um trabalho comum de salvaguarda, de valorização e de fruição do rico patrimônio histórico e artístico, do qual parte importante pertence à Igreja.

Muito oportuno pensar o museu da igreja em questão com essa dupla função: evangelizar e zelar pelo patrimônio que está embutido da primeira mensagem (propagar a fé). Assim, esse tipo de museu basicamente evangeliza ao zelar do patrimônio e zela cuidando do bem maior que é a fé.

Dessa forma, no formato de monografia, o nosso trabalho está estruturado assim: capitulo 1 – Fundamentação teórica (elucidamos os caminhos que seguimos em nossa investigação científica), Capítulo 2 – Metodologia de Pesquisa, Capitulo 2 - Estudo de caso (elucidamos e exploramos um tipo específico de museu – eclesiástico /museu-igreja), Considerações Finais (resumimos nossas reflexões, sistematizamos o tipo de museu em questão e ainda, apontamos contribuições para um melhor aproveitamento do museu estudado e reflexões para nossa área museológica).

CAPITULO 1

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

Os museus da Igreja Católica apresentam especificidades muito próprias que os distinguem ou devem distinguir das instituições museológicas tuteladas por outras entidades (Estado central, autarquias locais, empresa, entre outras), mesmo que partilhem coleções com características semelhantes. Esses elementos diferenciadores podem resumir-se na missão pastoral que deve ser central em qualquer museu eclesiástico e que, por conseguinte, deve estruturar e moldar toda a sua atividade. Nesse sentido, a sua missão, vocação, metas e objetivos, bem como o desenvolvimento daquelas que são as funções elementares de quase museu (estudo, incorporação, inventário, conservação, interpretação, exposição e educação), indispensáveis para que se afirmem com tal, devem ter presentes e/ou estar direcionadas, em vários aspectos, para aquilo que é a missão existencial da própria igreja: falar de Deus à humanidade.

André das Neves Afonso

Esta pesquisa acadêmica aborda a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto (museu da igreja ou igreja museu) a partir de alguns pressupostos teóricos, a saber: conceito de museu, tipologia dos museus, museu eclesiástico, legislação cultural, educação patrimonial e educação museal. Esse arcabouço define o nosso olhar museológico, nossas reflexões, nossas inquietações e nossas prováveis contribuições para área da museologia e educação museal, especificamente da Ouro Preto atual. Trata-se, portanto, de um recorte e um ponto de vista, visando enriquecer os debates dessa área, a partir da seleção de autores e argumentos que versam sobre essa temática na linha de nossa investigação.



Figura 1 – Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto

Fonte: www.portal.iphan.gov.br

1.2 BEM CULTURAL

Ouro Preto é (re)vista como bem cultural seja a cidade, seus monumentos, suas tradições, seu cotidiano. Tudo em Ouro Preto tem um carga afetiva e efetiva de cultura. A cultura perpassa toda as ações, construções, projetos.

Logo, com esse sentimento de pertencimento e como bem cultural/ patrimônio compreendemos as construções mantidas e preservadas, como é o caso da Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto, que conforme GRAMMONT (2006: 93-94):

A cidade de Ouro Preto foi palco da aplicação dos princípios de conservação, restauro e revitalização do Patrimônio Histórico do Brasil. Testemunhou e foi laboratório de várias práticas de proteção patrimonial, participando assim da trajetória das divergências e alterações desses conceitos e de suas práticas.

Nosso estudo está em conformidade com esse discurso de Grammont. É sabido e amplamente divulgado a visita dos modernistas, Oswald de Andrade, Mario de Andrade e Tarsila do Amaral, em 1924. Nessa ocasião, tínhamos uma Ouro Preto "fantasma", a cidade é redescoberta. Aparentemente constata-se um grande paradoxo, justamente o grupo que revolucionava a cultura adotou os centros históricos do século XVII e XVIII como referência nacional (SIMÕES, 2001, p. 17). A arte do Aleijadinho, percebida como uma imitação, inclusive imperfeita, da arquitetura do colonizador, é revista como traço da identidade nacional através do olhar de Mário de Andrade:

Era de todos, o único que se poderá dizer nacional, pela originalidade de suas soluções. Era já um produto da terra, e do homem vivendo nela, e era um inconsciente de outras existências melhores do além-mar (...). É a solução brasileira da Colônia. É o mestiço e é logicamente a independência. (...) Mas abrasileirando a coisa lusa, lhe dando graça, delicadeza e dengue na arquitetura, por outro lado, mestiço, ele vagava no mundo. Ele reinventava o mundo. (ANDRADE, M., 1984, p. 41-42)

Na sequência, durante o Governo Mello Viana (1924- 1926) ocorre a primeira restauração em Ouro Preto na Igreja de São Francisco de Assis. (GRAMMONT: 2006- 92-94). Temos, portanto, um bem cultural de reconhecido valor afetivo e efetivo, entre os ouro-pretanos, especialmente e a comunidade internacional, ao pensarmos no título de Patrimônio Cultural da Humanidade conferido pela Unesco, em 1980.

A Igreja de São Francisco de Assis é um dos bens culturais mais belos e caros de Ouro Preto. Caro, aqui, no sentido de querido, especial. Além do valor sentimental, pertencimento, artístico e histórico, esse bem cultural trata-se de um templo religioso em ple-

no funcionamento e que usufrui de todos os cuidados e atenção por parte dos olhares nacionais e internacionais, de católicos e não católicos.



Figura 2 - Detalhe da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto

Fonte: www.arquivopublicoop.

1.3 PATRIMÔNIO

Compreendemos o patrimônio enquanto uma construção e, como tal, necessita de tempo para definir-se. Assim sendo, é necessário existir uma identificação da comunidade com esse bem de tal forma que ele seja visto como uma marca, um referencial que conta sua história e a destaca das demais comunidades.

Segundo FUNARI e FUNARI (2007:

Houve uma "política de patrimônio que preservou as casas-grandes, as igrejas barrocas, os fortes militares, as câmaras e cadeias como as referências para a construção de nossa identidade histórica e cultural e que relegou ao esquecimento as senzalas, as favelas e os bairros operários" (FUNARI e FUNARI, 1995, p. 275)

Dito isso, podemos afirmar que o conceito de patrimônio nos remete a valores atribuídos e vivenciados pela sociedade, e que esse conceito reproduz esses mesmos valores.

Em conformidade com Funari e Funari,

Para o povo, há, pois, um sentimento de alienação, como se sua própria cultura não fosse, de modo algum, relevante ou digna de atenção (cf. FUNARI e PELE-GRINI, 2006) (...) O resultado de uma sociedade baseada na escravidão é, que, desde o início, houve sempre dois grupos de pessoas nos país: os poderosos, com sua cultura material esplendorosa, cuja memória e monumentos são dignos de reverência e preservação, e os vestígios esquálidos dos subalternos, digno de desdém e desprezo. Como enfatizou o sociólogo brasileiro lanni (1988, p.83), o que se considera patrimônio é a arquitetura, a música, os quadros, a pintura e tudo mais associado às famílias aristocráticas e à camada superior em geral. A catedral, frequentada pela "gente de bem", deve ser preservada e é, com frequência, abandonada. Os monumentos considerados como patrimônio pelas instituições oficiais, de acordo com Durham (1984, p. 33), são aqueles relacionados à "história das classes dominantes, os monumentos preservados são aqueles associados aos feitos e à produção cultural dessas classes dominantes. A história dos dominados é raramente preservada". (FUNARI, FUNARI: 2008, 15-16)

Os autores Funari e Funari argumentam e elucidam que o valor associado ao patrimônio reproduz os valores e a política da sociedade. Dessa forma, "preservamos" uma forma perversa de conservação do patrimônio cultural e natural, e ainda podemos dizer que não existe neutralidade na política de preservação e conservação dos bens culturais, a começar pelo que elegemos como patrimônio (algo valioso que outro herdará ou herdaram).

1.4 IDENTIDADE

SOARES e KLAMT (2007: 7) afirmam que "identidade pode ser compreendida como o conjunto de costumes e crenças herdadas de seus antepassados, cuja conservação forma a memória de cada povo, que é manifestada por meio de seus patrimônios.

Esse conceito é relevante para nosso estudo, porque estamos falando de um patrimônio que constitui a identidade do povo na área de sua abrangência, especialmente. E decorrente dessa compreensão, temos todos os investimentos, sentimentos e cuidados com o mesmo patrimônio, que é uma das marcas dessa identidade, seja ela ouro-pretana, mineira, brasileira e católica (franciscana).

1.5 LEGISLAÇÃO CULTURAL

A legislação cultural do museu em questão é ampla, porque compreende as legislações da Igreja Católica (detentora e mantenedora desse valioso bem cultural), legislações internacionais, já que esse patrimônio está arrolado no contexto de uma cidade patrimônio mundial da humanidade e ainda as legislações nacional (por ser compreendida com um patrimônio de caráter nacional, ícone da nossa identidade nacional), legislação estadual (inventariada como elemento identitário da cultural de uma parte do Estado de Minas Gerais, que recordam a história da e legislação municipal.

Dito isso, podemos dizer que se trata, portanto, de um bem cultural zelado, cuidado e protegido, inclusive com forte aparato jurídico.

Os Bens culturais estão inseridos no artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil recita: "constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". (BRA-SIL, 1988)

Pela Lei nº. 378, de 13 de janeiro de 1937, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), regulamentado pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro daquele mesmo ano, que estabelece normas sobre o "tombamento" dos bens culturais. Em 1946 o SPHAN foi convertido em Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) e em 1970 no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O Decreto-Lei nº. 25 define o patrimônio histórico e artístico nacional, associando-o ao "conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico" (art.1). Esta lei está ainda em vigor e regulamenta, sobretudo, atos de tombamento.

² BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988. 168p.

³ Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, art. 1.

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, confere eficácia àquela disposição constitucional, ao instituir o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, onde deverão ser anotados, por exemplo, no Livro de Registro das Celebrações os "rituais e festas que marcam a vivência coletiva [...] da religiosidade", no Livro de Registro das Formas de Expressão, as "manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas", bem como o "Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos [...] feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas" (art. 1º, § 1º, incisos II, III e IV).

A este respeito, é sabido que no Brasil que a legislação atribui ao ato de tombamento a principal expressão da vontade do Estado de preservar determinado bem.

"Tombar"⁵ significa inscrever o bem, com o seu nome, localização e regime de restrições no livro do Tombo para que conserve suas características, impedindo que seja alienado, destruído, demolido ou mutilado, reparado, pintado ou restaurado.

Esses atos de preservação de bens culturais expressam, ademais, o exercício de competência constitucional material concorrente entre as três esferas da União – Federal, estadual e municipal. É interessante notar que o foco das atenções está no plano Federal⁶, o tema do tombamento continua a ser regido por ato normativo de 1937, do Decreto-Lei nº. 25.

O Livro do Tombo a propriedade pública e privada dos bens culturais, o Decreto citado acima, define e regulamenta o patrimônio histórico e artístico nacional, estabelece que esses bens culturais somente passam a integrar o regime de bens componentes do patrimônio histórico e artístico nacional depois de serem inscritos no livro do Tombo.

O Decreto-Lei exclui deste regime as coisas pertencentes a pessoas de direito público internacional, e com relação aos bens pertencentes a particulares, o tombamento ocorre de modo voluntário ou compulsório a partir de notificação do IPHAN.

⁵ Cf. Constituição Federal, art. 216, V, §1: "O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e prevenção". (BRASIL, 1988)

⁴ Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, art. 1º, § 1º, incisos II, III e IV.

⁶ Supremo Tribunal Federal: ADI 2.544, relator o Ministro Sepúlveda Pertence, DJ de 17.11.2006

1.6 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Durante um período muito curto e recente, o conceito de educação patrimonial foi implantado e utilizado com o intuito de valorizar o patrimônio, cuidar dele e proteger.

Em consonância com a Educação Patrimonial – histórico, conceitos e processos, a política de Educação Patrimonial do IPHAN (2014: 29) está estruturada em três eixos de atuação: a) a inserção do tema Patrimônio Cultural na educação formal; b) gestão compartilhada das ações educativas; c) instituição de macros programáticos no campo da Educação Patrimonial. Esclarece ainda que essa política foi consolidada nos documentos a saber: Carta de Nova Olinda (2009), I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural (2009) e II Encontro Nacional de Educação Patrimonial (2011).

Esse documento do IPHAN elucida a inexistência de um projeto educativo que dialogue com a cultura, cita o exemplo de uma experiência anterior a implantação da educação patrimonial, que seria o Projeto Interação (cujo uma das diretrizes seria a operacionalização da política cultural no MEC, nesse mesmo período tínhamos a Secretaria de Cultura do MEC, em 1981) e contextualiza a inserção do termo educação patrimonial que se deu no 1º. Seminário sobre Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado no Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1983. A metodologia da educação patrimonial é inspirada no modelo *heritage education*, desenvolvido na Inglaterra.

Para o Guia básico de educação patrimonial, esse tipo de educação

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças ou adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e proporcionando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA, GRUMBERG: 1999,6)

Esse conceito de educação patrimonial elucida de forma os raios de atuação dessa abordagem e o objetivo da mesma: apropriação e valorização do bem cultural de forma sustentável, uma vez que nosso uso será consciente da importância e sendo assim faremos o (im) possível para garantir a permanência com a qualidade e respeito merecidos ao patrimônio material ou imaterial.

Já para a Fundação Vale, que implantou o Projeto Trem da Vale nas cidades mineiras coloniais de Ouro Preto e Mariana,

É pertinente citarmos como a educação patrimonial é compreendida e evidenciada pela Fundação Vale, em razão dela ser responsável pela implantação de um projeto de educação patrimonial na área de abrangência de nossa pesquisa. Trata-se nesse caso de uma aplicação prática da terminologia, ampliando assim nossa visão sobre o alcance dessa metodologia.

Diz ainda textualmente a Fundação Vale que educação patrimonial é

"processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Com base na experiência e no contato direto com as evidências e as manifestações de cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de educação patrimonial consiste em levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-o para um melhor usufruto desses bens e propiciando a geração e produção de novos conhecimentos, em um processo contínuo de produção cultural. O conhecimento crítico e a apropriação consistente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de pertencimento, identidade e cidadania. (ROSA: 2010, 368)

Dito de outro modo, esse conceito tão bem elucidado acima esclarece a dimensão desse relevante serviço implantado com êxito pelo Programa Trem da Vale, e que teve seu registro na publicação outras memórias, outros patrimônios – relato técnico do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale.

Destacamos ainda que as contribuições desse programa foram imensas e impossíveis de dimensionarmos, principalmente para os municípios de Ouro Preto e Mariana, onde funcionou nos moldes do projeto formulado pela Santa Rosa Bureau Cultural, aprovado pelo Ministério da Cultura, e agora incorporado nos dois municípios como Projeto de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto.

Desses três pontos de vista, podemos depreender que a educação patrimonial é extremante importante e fundamental para os museus (enquanto instituições culturais), para o município que permitirá crescimento em harmonia com a preservação da história, atraindo, assim, visitantes interessados e sensibilizados para o valor da história e cultura, e, principalmente, para os moradores (nativos ou não), porque interfere sensivelmente na autoestima e no exercício da cidadania.

1.7 EDUCAÇÃO MUSEAL

Museu é um local de aprendizado não formal que gera inúmeras reflexões e aprimora o pensamento crítico, além de aumentar significativamente a compreensão sobre determinado assunto ou tema. Pois, este local não é só dedicado ao passado, na verdade os museus são espaços onde o indivíduo tem contato com a realidade vivenciada por muitos, que se torna um elo com o mundo e ajuda na transformação e enriquecimento de conceitos, sejam históricos, científicos, sociais, antropológicos, artísticos.

Neste contexto, comtemplando todos os seguimentos artísticos de um museu, nas comemorações dos 90 anos de criação do primeiro setor educativo em museus do Brasil, no Museu Nacional (Rio de Janeiro/RJ) foi lançado oficialmente a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), que compreende um conjunto de princípios e diretrizes com o objetivo de fundamentar solidamente e fortalecer a realização de práticas educativas em espaços museológicos, e ainda subsidiar a atuação dos educadores. São os princípios do PENM:

- 1. Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa;
- 2. A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade:
- 3. Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu;

- 4. Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus setores públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas;
- 5. Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus diversos setores. (IBRAM/IPHAN: s/a, 4)

Como o próprio nome já elucida, trata-se de princípios, esses foram e são de fundamental importância para uma pratica museal antenada e perspicaz. Enfatizamos assim como nesses princípios a relevância do diálogo entre museu e sociedade.

Política Nacional de Educação Museal
Plataforma de diálogo para a Educação Museal

Figura 3 - Glossário do Instituto Brasileiro de Museus

Fonte: PNEM

A definição de educação museal proposto pelo PEM constitui o segundo princípio desse documento: "é um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade". Esse conceito traz uma série de implicações desdobradas no outros princípios e eixos desse documento, são a gestão, formação, pesquisa e sociedade.

Essas diretrizes estão em conformidade com os princípios da educação museal. Termo recente na área de valorização, preservação e conservação do patrimônio, educação museal restringe a sua abrangência em relação ao termo anterior (educação patrimonial), porém propõe, assim, um estudo com vistas a um resultado mais expressivo e pontual nas instituições museológicas. Compreendemos, assim que esse tipo de educação não pode estar desarticulado da educação patrimonial, nem ainda da educação formal e educação não-formal. Pois é notório e notável que educação se faz e sempre o fará de forma envolvida, articulada e em conjunto.

1.8 MUSEU

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) designa o museu como [...] um estabelecimento permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que coleciona, conserva, pesquisa, comunica e exibe, para o estudo, a educação e o entretenimento, a evidência material do homem e seu meio ambiente. (ICOM, 2007). Essa visão é amplamente usada e adotada pelos mais diversos espaços de museus e serve, provavelmente, de base para os planos museológicos em conformidade com a legislação cultural vigente.

Sabe-se, que a ideia de museu tem origem na Grécia Helênica, de acordo com (Mattos, 2010), a partir do termo *Mouseion*, que significava o "templo das nove musas" ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus e *Mnemozine*, deusa da Memória. "Eles eram locais de Contemplação e estudos científicos, literários e artísticos". Desta forma existiam os *Museums*, espaços reservados às reuniões filosóficas e políticas, às exposições de coleções, constituídas de livros, quadros, bronzes, objetos de adorno e condecorações de guerra, que com o tempo ganharam valor monetário e se tornaram mercados de obras de arte. Colecionar significava "ter poder e prestígio social, político e cultural." (MATTOS, 2010, p. 24).

Pode-se depreender desse conceito que essa ideia traduz esses institutos e a missão deles, independente do acervo e da nacionalidade. Já que temos um conceito amplamente definido e divulgado sobre relevante espaço cultural.

Segundo o Sistema Brasileiro de Museus - Departamento de Museus e Centros Culturais,

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características: I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações; II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer; III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social; IV – a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações; V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana; VI – a constitui-

ção de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais. Assim, os espaços que compreendem tais características museais, são considerados museus. (IPHAN/MinC (2005)

O conceito acima de museu e seu desdobramento nas características (finalidades) enriquecem nossa compreensão sobre o dinamismo dos museus.

Já a definição aprovada pela 20^a Assembleia Geral em Barcelona na Espanha em 6 de julho de 2001 (Sistema Brasileiro de Museus):

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

O Conceito de museu resultante desse encontro que o legitimou traz um dado importante: sem fins lucrativos. Nesse sentido, os museus precisam estar bem estruturado para conseguir realizar suas relevantes atribuições sem a visão de lucro, ao mesmo tempo, eles precisam pensar na sustentabilidade, principalmente em tempos de pouca ou nenhuma valorização cultural, em que testemunhamos o descaso com o bem público e a nossa cultura.

É importante ressaltar que o Estatuto dos Museus na Lei 11.904 criada em 2008 que mostra seguinte definição (Sistema Brasileiro de Museus):

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

É relevante para nosso estudo o conceito de museu acima, ao associar ao termo museu a palavra turismo. Creio que essa inclusão do turismo na definição de museu é muito provocadora, porque entendemos que corresponde a valorização que as pessoas de fora atribuem ao nosso patrimônio. É importante essa constatação, mas precisamos não ignorar que precisamos levar a comunidade local para dentro do museu e levar o museu até a comunidade. Pois, à frequência deste público aos museus é baixa e a intenção tem sido:

encontrar meios de despertar no público o interesse de estar sempre visitando os museus (por razão de entretenimento, necessidade de pesquisa, ou por quaisquer motivos que mantenham o contato entre eles).

Este é o desafio da Nova Museologia de tornar o ato de ir ao museu parte do cotidiano das pessoas, assim como elas vão ao cinema ou ao estádio de futebol. Isso porque os museus deixaram de ser lugares de caráter histórico dirigidos a públicos altamente seletos, mas se converteram em centros culturais, educativos que englobam com todo tipo de ofertas culturais.

1.9 TIPOLOGIAS DE MUSEU

Ao falarmos de museu, estamos falando de um universo diversificado, portanto, estamos falando e pensando em diversos tipos de museu.

Quanto as classificações os museus podem ser:

Público X particular X misto

Pequeno, médio e grande

Nacional e internacional

Nacional (estadual e municipal)

Conteúdo (artístico, religioso, escolar, etc.)

No caso do museu em questão, temos um museu da Igreja Católica (particular), com conteúdo artístico, cultural e religioso, de porte grande.

1.10 MUSEU ECLESIÁSTICO

É relevante definir o que vem a ser um museu eclesiástico, porque é o tipo de museu em questão em nossa investigação acadêmica.

Neves argumenta textualmente que:

Os museus da Igreja Católica apresentam especificidades muito próprias que os distinguem ou devem distinguir das instituições museológicas tuteladas por outras entidades (Estado central, autarquias locais, empresa, entre outras), mes-

mo que partilhem coleções com características semelhantes. Esses elementos diferenciadores podem resumir-se na missão pastoral que deve ser central em qualquer museu eclesiástico e que, por conseguinte, deve estruturar e moldar toda a sua atividade. Nesse sentido, a sua missão, vocação, metas e objetivos, bem como o desenvolvimento daquelas que são as funções elementares de quase museu (estudo, incorporação, inventário, conservação, interpretação, exposição e educação), indispensáveis para que se afirmem com tal, devem ter presentes e/ou estar direcionadas, em vários aspectos, para aquilo que é a missão existencial da própria igreia; falar de Deus à humanidade. (NEVES, 2018; 13)

Esse conceito de museu eclesiástico elucidado por Neves é de extrema importância porque esclarece com eficiência e eficazmente o tipo de museu em questão da nossa investigação, enriquecendo assim nosso olhar e nossa percepção sobre o mesmo. A palavra-chave para definir museu de igreja é missão pastoral. O museu eclesiástico existe e se mantem a partir dessa finalidade de evangelizar associada aos outros dos diversos tipos de museu: identificar, preservar, pesquisar.

Textualmente na Carta "A Função Pastoral dos Museus Eclesiásticos", o documento elucida as diversas funções do museu eclesiástico:

- a conservação das peças, porque reúne todas aquelas obras que, por dificuldade de custódia, procedência desconhecida, alienação ou destruição das estruturas a que pertenciam, degradação das estruturas de proveniência, ou perigos diversos, não podem permanecer no seu lugar de origem;
- a investigação sobre a história da comunidade cristã, já que na ordenação do museu, na escolha das "peças" e na sua estruturação, tem que reconstruir e descobrir a evolução temporal e territorial da comunidade cristã;
- evidenciar a comunidade histórica, dado que o museu histórico deve representar, juntamente com outros vestígios do passado, a "memória estável" da comunidade cristã e, ao mesmo tempo, a sua "presença activa e actual";
- o encontro com as expressões culturais do território, já que a conservação dos bens culturais⁷ deve abarcar uma dimensão "católica", isto é, ter em consideração todas as presenças e manifestações de um certo território, na renovação do seu contexto. (p. 12)

Museu eclesiástico, portanto, trata-se como podemos comprovar pelas finalidades e práticas de importantes e fundamentais instituições culturais. Dito isso, podemos dizer

⁷ Os "bens culturais" compreendem "antes de mais nada, os patrimônios artísticos da pintura, da escultura, da arquitectura, do mosaico e da música, postos ao serviço da missão da Igreja. A estes devem ser depois acrescentados os livros, contidos nas bibliotecas eclesiásticas, e os documentos históricos conservados nos arquivos das comunidades eclesiais. Entram, por fim, neste âmbito as obras literárias, teatrais e cinematográficas, produzidas pelos meios de comunicação de massa": JOÃO PAULO II, *Alocução aos participantes na I Assembleia Plenária da Pontificia Comissão para os Bens Culturais da Igreja,* 12 de Outubro de 1995, n. 3 (Ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 28 de Outubro de 1995, pág. 5).

mais, o museu da igreja possui seu próprio público, que são membros da igreja detentora da instituição. Nesse particular, o museu da igreja tem diferencial que muito contribui para a criação, manutenção e conservação desse tipo de instituição, principalmente ao envolver e mobilizar a comunidade com os mais diversos mecanismos de comunicação e envolvimento entre museu e público.

As implicações e observância para criação e manutenção de um museu eclesiástico:

O museu deve ser constituído com um decreto episcopal que, se for possível, será dotado de um estatuto e de um regulamento, (35) que indicarão respectivamente a natureza e a finalidade do mesmo, além da estrutura e das modalidades práticas. Nenhum museu eclesiástico novo poderá ser criado por entidades eclesiásticas e públicas, nem por entidades privadas, ainda que seja total ou parcialmente financiado por elas, sem o consentimento do bispo diocesano competente.

Na organização de um museu, onde for possível, será oportuno constituir um Comité apropriado, criado por alguns peritos e gerido por um diretor nomeado pelo bispo. Este diretor deverá ocupar-se, de acordo com as competentes autoridades eclesiásticas, da organização dos ambientes, da escolha dos materiais, das estratégias da exposição, do relacionamento com o pessoal, da animação dos visitantes e de tudo o que se refere ao bom funcionamento de tais instituições. Particular atenção deverá dedicar à angariação dos recursos, estimulando inclusive as ajudas públicas.

Os Superiores Maiores dos Institutos Religiosos (36) e das Sociedades de Vida Apostólica (37) são responsáveis pelos bens culturais que pertencem à respectiva instituição, conforme ao direito que lhes é próprio. Eles desempenham a sua tarefa através do Superior local, em cuja casa foi fundado e onde subsiste o museu. As normas indicadas para a coordenação, organização e gestão dos museus em geral deverão ser aplicadas também aos museus que pertencem aos Institutos religiosos e às Sociedades de Vida Apostólica, permanecendo estabelecida a observância das leis civis a este respeito e quanto se refere à vida interna dos membros da respectiva instituição encarregada do museu. (p. 16)

Se não ficam apenas como legislação e sim como prática museal, as diretrizes acima dos museus eclesiásticos da Igreja Católica são importantes e fundamentais. Acreditamos que essas obrigatoriedades são, portanto, necessária para que a instituição esteja bem amparada institucionalmente e sendo-as tão relevantes essas medidas obrigatórias, elas devem ser sinalizadas para o público e inclusive com acesso os esses registros legais, o que muito contribui para valorização do museu e ainda podendo, provavelmente, contar com a colaboração de visitante e empresas interessadas na valorização do patrimônio.

As diretrizes museológicas da Igreja Católica tratam de forma bastante elucidada do público e fruição em museu eclesiástico:

O museu eclesiástico é um lugar de fruição pública, já que os bens culturais estão ao serviço da missão da Igreja. Ele contribui para o ensino do sentido da história, da beleza e do sagrado, mediante o património cultural realizado pela comunidade cristã. A visita a um museu eclesiástico está intimamente ligada, ainda que dele seja diferente, ao valor formativo que deverá possuir a instituição do museu. Distinguir para unir o momento formativo do acto de visitar significa sublinhar a importância da complementaridade entre o conhecimento e a emoção, sobretudo no que se refere à vivência religiosa cujos actos, que são catalogados como expressão de amor a Deus e ao próximo, necessitam da ajuda da inteligência, dos sentimentos e da vontade.

Todos os "lugares" do cristianismo estão destinados ao acolhimento, para pregar "o evangelho da caridade" mediante todas as iniciativas. A Igreja serviu-se dos sinais sensíveis para exprimir e anunciar a fé. Também as obras reunidas nos museus estão destinadas à catequese ad intra e ao anúncio do evangelho ad extra, de modo que se dispõem para a fruição tanto dos crentes quanto dos que estão afastados, para que ambos, cada um a seu modo, as possam contemplar.

Por este motivo, O público pode ser dividido em diversas categorias: visitante individual, grupo guiado, grupos de estudantes e estudiosos. A complexa modalidade de aproximação sugere metodologias distintas para facilitar a atração do visitante e satisfazer as diversas exigências culturais.

Uma inteligente organização de reservas e de visitas permitirá um melhor serviço não só aos utentes, mas também aos funcionários. Cada museu deverá preocupar-se em organizar, para além dos percursos temáticos da exposição, actividades culturais complementares. (p.24 e 25)

É oportuno afirmar que esse tópico é enriquecedor, por que se trata de um dos motivos da criação de um museu: o público. Não existiria museu em um público, e esses não se mantem sem a presença desse. Assim, o museu necessita identifica o público que a visita, compreender os motivos, o grau de satisfação, manter esse público e atrair outros.

Cuidado e zelo com o patrimônio do bem cultural / museu eclesiástico. É um dos tópicos dessas diretrizes de museus da Igreja Católica.

O cuidado do patrimônio histórico-artístico eclesiástico é um fato da civilização, que envolve a Igreja em primeiro plano. Sempre se declarou "perito em humanidade", (38) favoreceu o desenvolvimento das artes liberais em todas as épocas e promoveu o cuidado com o que foi criado para cumprir a missão evangelizadora. De fato, "quando a Igreja chama a arte para acompanhar sua missão, não é apenas por razões estéticas, mas obedecer à própria" lógica "da revelação e da encarnação" (39). (p.67)

A Igreja como instituição mantedora reconhece e evidencia o seu papel no mundo civilizatório, associando arte e evangelização.

Dessa forma, temos na Igreja e logo em seus museus uma valorização da arte, essa impregnada de ideologia.

A relação entre as artes figurativas e a Igreja nem sempre foi unívoca e serena. Nos primeiros séculos da Igreja, com a reflexão teológica adequada, ele teve de superar a proibição bíblica de não-representatividade de Deus e, na Idade Média, para enfrentar a acusação de que a idolatria à adoração de imagens sagradas pelos iconoclastas, bem como o impulso destruidor da chamada "Reforma Protestante". Foram precisamente essas oposições que deram à Igreja a oportunidade de refletir sobre a natureza não puramente decorativa da arte e sobre sua pertença essencial às formas de expressar e viver a fé. (p.89) A arte tem um valor, neste sentido, principalmente didático, contribuindo para o conhecimento por parte do iletrado de todos os tempos, a história sagrada, em vez do texto escrito (...) (p. 90)

O pilar de sustentação cristianismo é o anúncio do Evangelho *hic et nunc* – aqui e agora de cada geração e também pela fidelidade de amor ao próximo. Ao longo da sua história, a Igreja "serviu-se das diferentes culturas para difundir e explicar sua mensagem cristã". Desta maneira, acolheria todas as classes sociais. O ato de professar "a fé tende por natureza a expressar-se em formas artísticas e em testemunhos históricos que possuem uma intrínseca força evangelizadora e um valor cultural perante os quais a Igreja deve prestar a máxima atenção". O que na verdade traduz nos dons do Espirito Santo em cada um de nós.

Com certeza, a primeira função da arte e do patrimônio cultural é contribuir para a " humanização " do homem (não parece um jogo de palavras), que ainda não é evangelização, mas constitui sua premissa. Esse era o significado das "artes liberais" medievais, que podem ser estendidas a toda expressão de cultura, isto é, ao homem livre, libertando-o do que o torna um servo da terra e das paixões. Da mesma forma, o humanismo, que deu tanto espaço às artes e letras, colocou o homem e sua dignidade no centro de sua atenção. (p.90)

Sabe-se que em países antigos, o acumulo de patrimônio de bens culturais nos museus eclesiais é visível, pois determinados objetos são de coleções particulares ou até mesmo de doação como era costume entre os senhores de posses. Por este motivo, a instituição em estudo está intimamente, unida à vivência eclesial, visto que registra a caminhada da

Igreja ao longo dos séculos no que diz respeito ao culto, à catequese, à cultura e à caridade. Este era o ambiente propício em que documentava o desenvolvimento da vida cultural e religiosa, para além da inteligência do homem em criar, com a finalidade de preservar o presente. Portanto, há de compreender a importância do seu próprio passado, ser consciente do sentido de pertença ao território em que vive e deve, enfim, compreender a peculiaridade pastoral do património artístico. Trata-se, portanto, de criar uma consciência crítica que valorize o património histórico-artístico produzido pelas diversas civilizações que se aproximaram no tempo, graças também à presença da Igreja humanizada.

De acordo com a visão filosófica compartilhada pela Igreja, pode-se partir do belo como um caminho para alcançar o bem e a verdade. Portanto, é possível proceder da experiência estética ordenada ao fato religioso para mover os sentimentos daqueles que estão distraídos pelo indiferentismo e pelo hedonismo. É um trabalho altamente civilizador inscrito na busca do bem comum. (p.91). Por esta razão, ao promover a criação de museus, a Igreja prefere usar seus bens no lugar para o qual foi projetado (igrejas, sacristias, etc.) e na função para a qual foi produzido (culto ou outro).

Essas sistematizações museológicas guiaram nossa pesquisa e nossas reflexões, considerando o contexto do museu-igreja de São Francisco de Assis e todos as condições que afetaram e afetam o mesmo. Temos, portanto, um exemplo de museu que merece todo nosso cuidado, zelo, responsabilidade e outras atitudes sustentáveis, a fim de que sua história e mensagens sejam preservada e gere além da visitação, o sentimento de pertencimento cada vez mais significativo, rico, atuante e cidadão, especialmente aos ouro-pretanos nativos e os de coração.

CAPÍTULO 2

2.1 METODOLOGIA

Esta pesquisa museológica utilizou diversas metodologias, visando assim garantir confiabilidade e agilidade. Por isso, escolhemos esses métodos: bibliográfica, documental e estudo de caso.

Descartamos a entrevista semiestruturada em função do pouco tempo disponível para aplicação e reflexões dos dados coletados, articulando com os estudos bibliográficos e o estudo de caso.

Esse esclarecimento é importante para informar que futuramente essa pesquisa pode ser avançada em outro estágio de estudo, como uma monografia de especialização ou uma dissertação de mestrado ou tese.

Como todos sabem, a pesquisa bibliografia compreende os livros, os capítulos de livros, os artigos, os ensaios, os verbetes disponíveis impressos ou virtualmente.

Já o estudo de caso compreende estudo específico de uma categoria dentro de um universo maior, como no nosso caso, temos os museus de Ouro Preto e abordamos a Igreja de São Francisco (que é parte integrante do Museu Aleijadinho), que é um museuigreja.

Em se tratando de um museu eclesiástico, sentimos necessidade da pesquisa documental, visando assim dar visibilidade a história e a atuação dele, que nesse caso perpassam a documentação e os bastidores da Igreja.

Assim sendo, os três métodos de pesquisa tiveram um mesmo foco e objetivo. Em função disso, nossa bibliografia refletirá essa escolha metodológica.

Vale explicar que a pesquisa bibliográfica é ideal para nossa área de estudo, pois nos permite conhecer em profundidade nosso objeto de estudo e entender a dimensão da relevância dessa temática para nossa área de museologia e a comunidade católica detentora e responsável inicialmente pela conservação e proteção desse patrimônio cultural.

E relevante destacar que o estudo de caso nos garantiu explorar o tema de forma horizontal, enquanto a bibliográfica nos deu a possibilidade de estudo vertical. Articulando esses métodos, foi possível desenhar a trajetória do museu-igreja, visualizando as contribuições da museologia e o sentimento de pertencimento da comunidade. Ou seja, ficou evidenciado o quanto a inter-relação igreja-museologia/museologia/comunidade são intrínsecas.

A instituição em estudo, é um lugar que agrada a todos independente, da idade, sexo, classe social, cor e nacionalidade. O contexto cultural é necessário na vida de qualquer pessoa, pois ela amplia ideias e horizontes, traz novos modos de pensar e agir, diante de uma sociedade pluricultural e também aguça em conhecimentos. Dessa forma, as inúmeras possiblidades nos levam ao passado e nos faz pensar sobre o futuro, e a criação de novos conceitos que até então desconhecidos serão difundidos. Sabese que as crenças, os costumes e as artes de um modo geral foram em algum momento, vivenciadas pelo homem na comunidade a qual se encontrava. Dessa forma, o museu guarda diversas informações e faz, com que o visitante vivencie e transmita conhecimento de um ambiente carregado de simbolismo e história, além do que um livro possa oferecer.

Outro ponto importante é a ação pedagógica que os museus exercem, pois, a sociedade muda diariamente, e assim os indivíduos adquirem novas referências de vida e com elas o desejo de aprender culturalmente - tornando assim um indivíduo responsável e participativo no contexto da cidadania. Assim acontece também com os museus que precisam estar sempre se renovando, se redescobrindo para que não permaneçam com hábitos arraigados na antiga tradição de "guardiões de coisas do passado". Dessa forma os museus deixam de ser espaços de fruição estética apenas, ou de transmissores de curiosidades e exotismo através de objetos resultantes de conquistas, e passam a ter um importante espaço de interpretação de culturas e de educação dos cidadãos, fortalecendo o respeito às diferenças culturais.

Ações Educativas: O documento de Diretrizes para elaboração do Programa Educativo e Cultural dos Museus da Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais define ações educativas como: Elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação

entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural. (CADERNO de Diretrizes Museológicas, 2006)

Neste contexto, ao celebrar os 50 anos do Museu Aleijadinho uma programação extensa, durante a 41ª edição da Semana do Aleijadinho. Com o tema "Arte, preservação e cultura", a Semana tem como objetivo a difusão e o fomento de pesquisas que promovam a preservação do acervo histórico artístico e cultural do País, além de estimular a memória do maior artista colonial brasileiro, não somente as escolas estaduais e municipais, e particulares as quais passaram pelas oficinas, bem como a todos que visitaram o museu.

Para elucidar mais a importância das ações pedagógicas, temos que A educação é a essência própria das instituições museológicas. O museu surge para reunir, exibir, tocar a sensibilidade e a consciência do visitante, instruindo espontânea e livremente. As ações educativas e a comunicação com o público são funções incontornáveis em todo e qualquer museu, grande ou pequeno, temático ou não, local ou nacional.

A educação no museu se diferencia da escolar, visto que é mais livre e aberta. No museu a ação educativa volta-se para a descoberta, o questionamento e interpretação, aguçando todos os sentidos humanos e não apenas com o intelecto. Hoje, a ação educativa é fundamental no ambiente museal com os visitantes e o público dos museus. A liberdade e criatividade das ações educativas são características de individual ou de um grupo pois, há transmissão de conhecimento. E, como resultado tem-se as experiências que estes experimentam nos espaços museológicos.

E, finalmente, destacamos que a partir dos dois primeiros métodos de pesquisa, elegemos o documental para preencher as possíveis lacunas dos primeiros, já que a nossa tarefa é tão grande quanto o museu em questão. Estamos dissertando sobre um ícone da nossa cultura brasileira, esperamos que nossa pesquisa faça jus a exuberância e suntuosidade da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. Por tais características, enquadra-se como igreja/museu e os bens culturais da são um patrimônio que se deve conservar materialmente, tutelar sob o ponto de vista jurídico e valorizar pastoralmente no âmbito da cada comunidade cristã, para cultivar a memória do passado e continuar a expressar no presente o que está orientado para a missão da Igreja. "A lição da história, através da contemplação da arte, abre-se para a profecia, de modo que "a Igreja, mestra de vida, não pode deixar de assumir também o ministério de ajudar o homem

contemporâneo a reencontrar a admiração religiosa diante do fascínio da beleza e da sabedoria, que deriva de quanto a história nos transmitiu. Essa tarefa exige um trabalho diário e assíduo de orientação, encorajamento e intercâmbio". (...)Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso* de 25 de setembro de 1997, *op. cit.*, n. 4.

CAPÍTULO 3

3.1 ESTUDO DE CASO



Figura 4 - Igreja São Francisco de Assis

Fonte: portal.iphan.gov.br

Ouro Preto, cidades dos museus. Ouro Preto é uma cidade rica em museus. A cidade pode ser lida como um museu a céu aberto ou um museu livre. Podemos afirmar que esse empreendimento dos museus ouro-pretanos agrega valor e tem dados excelentes resultados direto e indiretamente. Em nenhuma outra cidade brasileira, certamente, os museus tenham tanta força e presença na vida dos moradores e turistas.

Acreditamos que isso é uma consequência direta do título de Patrimônio Mundial da Humanidade conferido pela UNESCO, desde 1979. Essa certificação aflorou, perceptivelmente, o sentimento de valorização dos bens dessa importante cidade colonial mineira. Os sentimentos de pertencimento e valor estão intrínsecos nas relações dos moradores, e os mesmos são alimentados pelos órgãos de proteção e conservação do patrimônio bem como pelos mais diversos investimentos e empreendimentos nessa localidade. O apelo

ao valor do patrimônio transborda os aspectos históricos e culturais. "O marketing patrimonial é notável e louvável" (Cf. Silva Júnior: 2017, 5)



Figura 5 - **Destaque para teto da Igreja São Francisco de Assis**

Fonte: www.arquivopublicoop

Nesse sentido temos um número expressivo de museus e órgãos correlacionados as funções desse tipo de instituição cultural. Em se tratando de museus, Ouro Preto (antiga Vila Rica dos Albuquerque) possui Museu da Inconfidência, Museu do Oratório, Museu Aleijadinho, Museu Casa Guignard, Museu Casa dos Inconfidentes, Museu das Reduções, Museu Casa dos Contos, Museu de Arte Sacra, Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Museu do Chá, Museu de Ciência e Tecnologia da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Museu da Farmácia (UFOP).

Figura 6 - Crianças das escolas de Ouro Preto em atividade do Projeto Figurinha: Ouro Preto nas escolas.



Fonte: UFOP/IAC, 1986.

Atualmente, esses museus localizados na cidade e distritos de Ouro Preto estão articulados enquanto Sistema Municipal de Ouro Preto, conferindo a eles um trabalho mais eficiente e eficaz, dentro das limitações de cada espaço museal.

A Editora Ouro Preto publicou Ouro Preto – Museus – museums – musées, organizado por Paulo Lemos e Raphael Simões. Essa publicação sistematiza as conquistas e realizações dos Sistema Municipal de Museus de Ouro Preto e as contribuições dos museus ouro-pretanos para os sentimentos de pertencimento e valorização da cultura e da história, especialmente de Ouro Preto e do Estado de Minas Gerais.

Nossa investigação acadêmica escolheu para estudo de caso a Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto, que é parte do itinerário do Museu Aleijadinho, pertencente a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Arquidiocese de Mariana. Sendo assim, abordaremos com mais detalhes esse importante bem cultural que é um dos grandes ícones da arquitetura barroca de influência portuguesa, do município de Ouro Preto, do Estado de Minas Gerais, do Brasil e. sobretudo, da fé católica.



Figura 7 – Layout do site do Museu de Aleijadinho.

Fonte: museualeijadinho.com.br/?op=conteudo&id=37&menuld=89. Acessado em 18/06/2019.

Conforme CARNEIRO (2014: 53-54), o Museu Aleijadinho foi instituído em 1968 com objetivo de reunir peças de arte sacra e documentos gráficos com a finalidade de conservar, preservar e difundir o precioso acervo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto (Minas Gerais). Esse museu funciona em sistema de circuito que abrange 3 (três) igrejas localizadas no Centro Histórico – Nossa Senhora da Conceição, Igreja de São Francisco e Igreja Nossa Senhora das Mercês e Perdões. Nesse caso, o visitante tem direito de passear pelas três igrejas conhecendo-as e ainda apreciar as salas de exposições de longa dura, tudo isso com apenas a aquisição de um ingresso.



Figura 8 - Circuito do Museu Aleijadinho.

Fonte: museualeijadinho.com.br/?op=conteudo&id=37&menuId=89. Acessado em 18/06/2019.

De acordo com CARNEIRO (2014-57), a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto é considera por unanimidade de crítica e opinião popular como sendo a obra-prima

de Antônio Francisco Lisboa, carinhosamente conhecido por Aleijadinho ou Patrono da Arte Brasileira.

Segundo ainda CARNEIRO (2014-52), dentre as obras-primas de Aleijadinho, destacam-se os púlpitos, retábulos e portada da Igreja de "São Chico", como essa Igreja é chamada afetuosa por membros da instituição católica e apreciadores do santo.



Figura 9 - Imagens do artista Aleijadinho

Autoria da foto: Rafael Simões.

CARNEIRO nos diz textualmente

"Já na entrada destaca-se o frontispício, esculpido em pedra-sabão, mesmo material e mesma técnica utilizada nos púlpitos e no lavado da sacristia. Também merecem especial atenção os retábulos do altar-mor, entalhados em madeira, por Aleijadinho.

Não bastasse todo o trabalho do Patrono da Arte no Brasil, a Igreja de São Francisco de Assis se destaca, também, pela pintura monumental do forro, obra de Manuel da Costa Ataíde – Mestre Ataíde.

Foi eleita, em 2009, um das Sete Maravilhas de origem portuguesa no mundo. (2014-57)

Vale a pena afirmar que temos neste caso, uma igreja repleta de arte sacra. Próprio do estilo barroco essa tendência da arte nos seduzir e nos rematar para dentro do seu interior, no caso a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto.

Segundo ALMEIDA (1980: 82-92)

"Aleijadinho não só lhe (Igreja de São Francisco de Assis) desenhou o plano interno e externo, riscou e executou o altar-mor, o retábulo e os altares laterais, como também fez as esculturas da portada, dos púlpitos e do chafariz da sacristia, em pedra-sabão.

Vale ainda destacar que a Feirinha de Pedra-sabão não poderia estar localizada em local mais estratégico que em frente à Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, dialogando, assim presente e passado, ao utilizar um dos materiais no qual Aleijadinho imprimiu sua marca de forma extraordinária e excepcional.

Almeida (1980:89) nos traz dados relevantes também sobre Manoel da Costa Ataíde, Mestre Ataíde: Note-se o crescente virado para baixo, detalhe, ao que soubemos, raro na Europa. Curioso observar que Ataíde, sendo branco, emprestou à fisionomia da Virgem e às dos anjinhos traços mestiços (pintura teto no qual Nossa Senhora da Porciúncula surge gloriosa, rodeada de anjos). O mesmo artista encarregou-se de parte do douramento da talha da capela-mor, de uma Ceia, e das pinturas que representam cenas da vida de Abraão. Esses painéis executados entre 1803 e 1804 merecem da eminente especialista Hannah Levy, doutora pela Sorbonne em História da Arte, acurados estudos. Provou ela que Ataíde baseou-se em gravuras inspiradas na vida de Abraão e Isaac, contidas numa edição ilustrada da Bíblia, datada de 1728, e atualmente conservada na Biblioteca Nacional.

É pertinente afirmar que no período em que a Igreja-museu foi construída e ornamentada pelos mestres Aleijadinho e Ataíde a sociedade tinha uma minoria letrada (que detinham as competências de ler e escrever), logo a arquitetura, a pintura e outros detalhes da arte constituíam a Bíblia aberta para a comunidade. A máxima de que lê uma imagem vale mais que mil palavras perpassava as artes dos artistas e arquitetura em questão.

Segundo GRAMMONT (apoud Bravo! Guia de Cultura das Cidades históricas de Minas Gerais 2008:17)

"Cantada por Drummond e Murilo Mendes, a Igreja de São Francisco de Assis é umas maiores obras-primas do barroco mineiro. Nela trabalharam os maiores mestres do período colonial: Aleijadinho, na escultura, e Manuel da Costa Athayde na pintura. Os materiais comuns na Europa foram substituídos por soluções muito originais, como a pedra-sabão na escultura e a pintura, no altar-mor, no lugar dos azulejos O forro em trompe-l'oeil dá impressão de nos alçar aos céus e a arquitetura tem soluções surpreendentes, como o medalhão em alto-relevo, no lugar do tradicional óculo, e os púlpitos, em pedra-sabão, incrustados no arco cruzeiro. Os tempos coloniais são livros que falam por imagens, na 'São Chico de Baixo', como a chamam os ouro-pretanos, há harmonia entre os elementos, que com as imagens se tornam música."

Essas afirmações da professora de estética da UFOP, premiada escritora e curadora de arte Guiomar de Grammont evidenciam a beleza e a forte presença dessa igreja no cenário artístico e cultural do nosso País.

Os artistas estão relendo a grande obra-prima.



Figura 10 - Fotografia

Fonte: Sentidos urbanos

A Ordem Terceira da Penitência foi a primeira associação criada em Vila Rica com este estatuto. Fundada em 1221, para que os leigos pudessem professar sua fé franciscana, foi aprovada pelo papa Nicolau IV em 1289. No Brasil, foi fundada em 1745 por Frei Antônio da Conceição, que respondendo aos pedidos dos imigrantes devotos de São Francisco residentes em Vila Rica, aprovou a instalação da irmandade nesta região, a cargo de Frei Antônio de Santa Maria.

Coube à Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis a iniciativa da construção da capela de São Francisco, obtendo-se em 1771 a licença régia necessária para a edificação do templo. Antes mesmo, porém, já em 1765, foram iniciadas as obras de terraplanagem e, em 27 de dezembro de 1766, foi arrematada a obra de alvenaria pelo mestre pedreiro Domingos Moreira de Oliveira, obedecendo ao risco de Antônio Francisco Lisboa. As indicações sobre as técnicas e materiais que seriam empregados na construção, foram minuciosamente detalhados no ato de arrematação. Como de costume no período, sua construção iniciouse pela capela-mor, estando a mesma praticamente concluída em 1771. A abóbada foi construída entre 1772 e 1774, época em que foi também realizada sua ornamentação em talha e estuque, sob a direção do Aleijadinho. No mesmo período o artista concluiu os púlpitos em pedra-sabão inseridos no arco-cruzeiro. O retábulo do altar-mor, em função do qual foi organizada toda a decoração da capela, só seria executado entre 1790 e 1794. Concluída a capela-mor, os administradores da obra optaram em seguida pela execução do frontispício, cuja portada, arrematada em 1744, teve seu risco executado por Aleijadinho. Em 1787, as torres sofreram um acréscimo e no ano seguinte foram feitos os telhados do templo. Finalmente, em 1794, Domingos Moreira de Oliveira conclui a obra de alvenaria. Entretanto, quase toda a parte de douramento e pintura, assim como a execução da talha dos altares da nave ainda estava por fazer. (...) no decorrer do século XX, a edificação passou por sucessivas obras de conservação levadas a efeito inicialmente pela antiga Inspetoria de Monumentos Nacionais e, posteriormente, pelo IPHAN, assinalando-se a construção de um cemitério anexo à capela-mor em 1935 e a reconstrução do mesmo em 1946/47 pelo IPHAN. Livro de Belas ArtesInscrição:106. Data:4-6-1938Nº Processo: 0111-T-38 O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85. referente ao Processo Administrativo 13/85/SPHAN. (pt.wikipedia.org/wiki/lgreja_de_São_Francisco_de_Assis_(Ouro_Preto). Acessado em 5 de julho de 2019)

Essas informações acima são relevantes para nosso estudo, principalmente porque nos permite pensar na importância da preservação e conservação desse bem cultural, que nos remota ao passado e nos projeta ao futuro. Trata-se, nesse caso, de um patrimô-

nio em permanente diálogo com a sociedade. Almejamos que os museus espelhem nessa mesma dinâmica afetiva, efetiva e eficaz.

A Arquidiocese de Mariana esclarece que Ouro Preto é um dos 79 municípios integrante da Arquidiocese de Mariana. A Arquidiocese de Mariana criou a Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana (FUNDARQ), em 14 de junho de 1986. Logo, a Igreja- museu em questão insere-se nos objetivos da Fundarq, que são:

a)promover, periodicamente, a vistoria dos bens tombados da Arquidiocese de Mariana, indicando providência; b) envidar esforços no sentido de angariar fundos que possibilitem a conservação, manutenção e restauro do acervo histórico, artístico e cultural da Arquidiocese e promover tais serviços; c) formular e executar planos, projetos, programas, serviços e atividades caracterizadas como culturais ou educacionais que envolvem a administração ou uso de bens patrimoniais da Arquidiocese; d) colaborar em projetos culturais ou educacionais de relevância que interessem diretamente à região, desenvolvidos por entidades de notório reconhecimento; e) promover curso de educação musical, clássica e religiosa, e cursos de preservação e restauro do patrimônio cultural. (Guia Geral da Arquidiocese de Mariana, 2008-2009, p. 259-260

Os museus da Arquidiocese foram concebidos com o objetivo de narrar a história de nossas tradições primeiras e mais autênticas, resguardar nossa memória, exaltar valores maiores de nossa cultura, fazer a justiça de manter lembrados nomes ilustres de artistas do passado e ainda deter a evasão da riqueza de nosso patrimônio móvel. (p 260)

Essas afirmações da Igreja Católica são muito importantes e fundamentais para nosso estudo, pois estamos abordando um museu eclesiástico, que possui características e atribuições próprias dessa instituição religiosa. Através da Arquidiocese de Mariana, a Igreja Católica assume publicamente que por questão de justiça (devido merecimento) são atribuições do museu, portanto, manter viva a memória dos nomes dos artistas entre eles, Aleijadinho e Ataíde, especialmente; e manter seguro contra roubo e outros tipos de prejuízo que possa estar envolvido o patrimônio.

Desde a implantação do Museu Aleijadinho, no ano de 1968, que a Igreja Católica compreende e evidencia o importante papel desse Museu, que no caso especial da Igreja de São Francisco tem o nome de dois artistas associados a ela, conferindo o merecido valor estético, artístico, cultural e histórico. O Museu Aleijadinho possui um trabalho que antecede e posterior aos seus grandes eventos, que compreende apresentações de corais, orquestras sinfônicas, palestras, pesquisas e exposições.



Figura 11 - Vista parcial (antiga) de Ouro Preto.

Fonte: http:/emouropreto.blogspot.com

O Museu Aleijadinho celebra o artista Aleijadinho e as artes dele, revisando e atualizando os estudos sobre eles, por meio do evento Semana de Aleijadinho, geralmente no mês de novembro. Além desse grande evento, esse museu está na agenda dos eventos Semana Nacional do Museus e Primavera dos Museus.

De acordo com o portal do Museu Aleijadinho,

Criado em 1968, pelo então pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, atualmente bispo emérito de Oliveira (MG), Dom Francisco Barroso Filho, o Museu Aleijadinho reúne peças de arte sacra e documentos, com o objetivo de conservar, preservar e difundir o acervo da paróquia. Anualmente, o Museu Aleijadinho promove a Semana do Aleijadinho, com programação diversificada, valorizando o legado artístico e cultural de nosso povo tendo como patrono das Artes no Brasil Antônio Francisco Lisboa: o Aleijadinho. (museualeijadinho.com.br/?op=comteudo &id=213. Acessado em 18/06/2019)

Podemos concordar com o poeta Manuel Bandeira e parafraseando-o afirmamos que a igreja-museu São Francisco de Assis é atuante:

Não se pode dizer que Ouro Preto seja uma cidade morta. (...) Ouro preto é uma cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto. Passada a época ardente da mineração (...), Ouro Preto conservou-se como tal qual, em

virtude mesmo de sua pobreza. Na sua decadência econômica (...) não houve dinheiro para abrir ruas, alargar becos, restaurar monumentos (...) em casas novas ninguém pensava. Elas são raríssimas na cidade, que enfeiam pelo contraste chocante com o resto da edificação (p. 34).

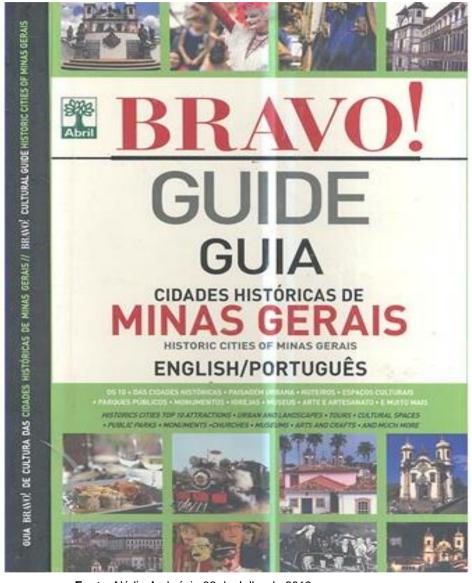


Figura 12 - Guia Cultural

Fonte: Nádia Ambrósio 09 de Julho de 2019.

Parafraseando, então, Bandeira 'Salvemos Ouro Preto', diríamos Valorizemos "São" Chico. Arte, exuberância, patrimônio, história, cultura e fé em um único lugar. Ícone das artes, o Museu Aleijadinho celebra 50 anos de serviços prestados, buscando, como vimos, não apenas evidenciar a arte dos artistas Aleijadinho e Ataíde, mas sobretudo enaltecer a fé e evangelizando pela arte bem conservada nos dias atuais. Nesses 50 anos transcorridos, muitos contribuíram para que o Museu permanecesse abertos e com serviços no padrão esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao fim do trabalho, temos consciência de que este estudo é valioso para a UFOP que está instalada, oficialmente, 21 de agosto de 1969 nos municípios de Ouro Preto, onde funciona o nosso curso de Museologia que atende à demanda local, pela quantidade e expressivos museus, como por exemplo, Museu Aleijadinho.

A escolha do tema e os objetivos deste Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia nos permitiram refletir sobre o campo de trabalho e a profissionalização do museólogo ao tratarmos de uma das igrejas-museu/museu-igreja mais impactante para todo o mundo, pela rica beleza do seu prédio, o acervo e a trajetória de vida dessa instituição católica, que completa 50 anos de criação neste 2019.

Cercada de tanta beleza, importância e proteção legal (os mais diversos mecanismos de proteção), a Igreja de São Francisco de Assis desde sua fundação (ano) atrai os mais diversos olhares. Trata-se de um patrimônio cultural de expressivo valor artístico, especialmente pelas assinaturas dos grandes artistas brasileiros de todos os tempos – Aleijadinho e Ataíde. Acrescidos as obras desses artistas, temos o acervo disponível e as tradições (linguagem dos sinos, as festas).

Outro fator muito interessante é a possibilidade de uso do museu enquanto igreja (missa aos domingos às 19h), o que difere de muitos outros tipos de museus, tornando, assim mais fácil a proteção, a conservação, a promoção e a interação com a comunidade em seu entorno.

A contribuição de um programa museológico para instituição, com a contratação de profissionais em épocas distintas, Jose de Monterroso e Telma Palhares muito contribuíra para as ações educativas (como a Semana do Aleijadinho, por exemplo), e, também a identificação de sinalização adequada para os mais diversos públicos (estrangeiro e portadores de necessidades).

O Museu Aleijadinho e a Igreja de São Francisco de Assis é parte integrante do Sistema Municipal de Museu, juntamente com Museu da Inconfidência, Museu do Oratório, Museu Casa Guignard, Museu Casa dos Inconfidentes, Museu das Reduções, Museu Casa dos Contos, Museu de Arte Sacra, Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Museu do Chá, Museu de Ciência e Tecnologia da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Museu da Farmácia (UFOP).

É importante destacar que o Museu Aleijadinho celebra 50 anos neste 2019. O museu em questão é caro, querido, especial. Cuidando do seu patrimônio, acervo e história, agregando valor e criando ambiência para parcerias, ele irá ter vida longa e frutífera.

Ao tratarmos de um museu-igreja, notamos que a educação museal deve ser melhor compreendida e praticada, aproveitando muito da educação patrimonial. Educação museal corresponde a ações pontuais do Museu, visando agregar valor e garantir sustentabilidade via estudo e conscientização.

O conceito de educação museal é de máxima importância para nosso estudo, por evidenciar as especificidades do museu em questão. Assim sendo, esse estudo deve considerar a função de um museu-igreja para melhor contribuir para efetivação dessa intenção e expandir para as novas contribuições da museologia, nossa identidade cultural e autoestima.

Concluímos que a igreja pode ser compreendida como museu, porque assim ela está atualmente estrutura e predomina assim sua estrutura, característica e funções; e as reflexões museológicas e o sentimento de pertencimento da comunidade ouro-pretana, associados a fé católica, asseguram e validam proteção, conservação e difusa do patrimônio em estudo, e permite vida longa ao jovem museu de 50 anos (neste 2019).

Acreditamos e desejamos que este estudo ajudará na relação universidade-comunidade, fortalecendo os laços de parceria, e sobretudo, na evidenciação do grande e expressivo valor que a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto detém na história e cultura desse Munícipio, Minas Gerais e Brasil, afinal trata-se de um dos patrimônios mais antigos do Brasil Colonial em ótimo estado de conservação e em funcionamento ininterrupto. É um patrimônio que agrada e encanta aos mais diversos visitantes, católicos ou não.

REFERÊNCIAS

AFONSO, André das Neves. "Os Museus Eclesiásticos e a sua função pastoral e cultural. Lisboa: Paulus Editora, 2015

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Passeio a Ouro Preto. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: USP, 1980

Barroco Mineiro. Nancy. Editora Autêntica. Belo Horizonte.

BRAVO! Guia de cultura das cidades históricas em Minas Gerais. São Paulo: Abril, 2008.

CARDOSO FILHO, Jusberto. Antologia Poética de Ouro Preto. Ouro Preto: Editora do Autor, 1995.

CARVALHO, Marcio. Os Patrimônios da humanidade no Brasil. Textos de Cristina Carvalho. Itaúna: Universo Cultural, 2016.

COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da. MUSEOLOGIA DA ARTE SACRA EM PORTUGAL (1820-2010) ESPAÇOS, MOMENTOS, MUSEOGRAFIA Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 2011.

COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da. MUSEOLOGIA DA ARTE SACRA EM PORTUGAL (1820-2010) ESPAÇOS, MOMENTOS, MUSEOGRAFIA Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 2011.

GUIA CULTURAL TREM DA VALE. Mariana. Passagem de Mariana. Ouro Preto. Santa Rosa Bureau Cultural. Belo Horizonte: Santa Rosa Bureau Cultural, 2013.

GUIA GERAL DA ARQUIDEOCESE DE MARIANA. Editora Dom Viçoso, Mariana, 2008. Apresentação Dom Geraldo Lyrio Rocha.

GUTIERREZ, Angela. (coord. Geral) Cultura e Educação: parceria que faz história. Belo Horizonte; Mazza Edições/ Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2007.

http://www.bensculturais.com – Bens Culturais de Portugal. Acesso em 18 de Junho de 2019

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documensts/rc_com_cchc_20060915_inventariazione_it.html. Acesso em 04 de abril de 2019

LEMOS, Paulo. SIMÕES, Raphael. (ORG). Ouro preto museu musems musées. Ouro Preto: Editora Ouro Preto, 2014. Museu Aleijadinho – Paróquia Nossa Senhora da Conceição Cônego Luis Carlos Cesar Ferreira Carneiro

LOUREIRO, Helena Maria Mourão. FIGEIREDO, Betânia Gonçalves. Prefácio. In; GUTIERREZ, Angela. (coord. Geral) Cultura e Educação: parceria que faz história. Belo Horizonte; Mazza Edições/ Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cultura é patrimônio. Um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008

Ouro Preto na escola. Projeto Figurinhas. Relato de uma experiência. Ercídia Batista de Amorim, UFOP/IAC, 1986.

OUTRAS MEMÓRIAS, OUTROS PATRMÔNIOS: relato técnico do Programa de Educação Patrimonial do Trem da Vale/ Fundação Vale. ROSA, Eleonora Santa. (Coord. Geral) Belo Horizonte: Fundação Vale/ Rona, 2010.

QUEIROZ, Maria das Graças Soto. MACHADO, Érika P. (pesquisa). Ouro Preto – Imagens. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Barroco Alma do Brasil. Rio de Janeiro: Comunicação Máxima, 1997.

SANTOS, Deolinda Alice dos. Festejos tradicionais mineiros. Registros da fé e do folclore. Belo Horizonte: Empresa das Artes, 2011.

SIMOES, Maria de Lourdes Netto. Pluralidades. Patrimônio Cultural e viagem. Relendo a literatura sulbaiana. Ilhéus: Editus, 2018.Como se sabe, Ítalo Calvino "de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. Citado por SIMÕES, p. 17

TOLEDO, Benedito Lima de. Esplendor do Barroco Luso-brasileiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.p. 16 e 17 glossário visual

ANEXOS

ANEXO I

Peça Publicitária - Museu Aleijadinho





Fonte: Acervo Museu do Aleijadinho.





na sociedade. Essa semana do Aleijadinho, nos seus 50 Anos, atuará nessas frentes.

Consta da nossa programação: um Seminário entre os dias 13 a 16 de novembro com profissionais da área da Museologia, Restauro, História e Música. Teremos palestras, oficinas e workshops; visitas monitoradas no circuito Museu Aleijadinho serão intensificadas nessa semana; exposições em parceria coma FAOP (Fundação de Arte de Ouro Preto) poderão ser visitadas nesse período; atividades em parceria com o Museu da Inconfidência e Museu do Oratório serão oferecidas para a comunidade; oficinas, apresentações musicais com serestas e retretas fazem parte da nossa programação.

No dia 18 de Novembro, domingo, toque de sinos ao meio dia e, às 19h, na igreja de São Francisco de Assis, renderemos graças à Deus pelos 50 Anos do Museu Aleijadinho. Após a Celebração Eucarística será conferido, também, a Medalha do Aleijadinho às personalidades que contribuem para preservação da história, da arte e cultura ouro-pretana.

A Semana do Aleijadinho, evento da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e do Museu Aleijadinho visa, não só fazer memória ao Patrono das Artes no Brasil — Aleijadinho, mas, também, incentivar a preservação da história, do patrimônio, da arte e da cultura, em permanente atividade pedagógica do presente! Toda a programação é gratuita, aberta ao nosso povo e aos nossos visitantes. Aproveitem esta semana de comemorações dos 50 Anos do Museu Aleijadinho. Um presente para o Museu e para toda a comunidade!!

Cônego Luiz Carlos Cesar Ferreira Carneiro Reitor e Pároco do Santuário de Nossa Senhora da Conceição – Ouro Preto Presidente do Museu Aleijadinho



Convite 1ª Semana do Aleijadinho - 1968





Primeira Expografia do Museu Aleijadinho



15h - Oficina de Percussão

Local: Adro da Igreja de São Francisco de Assis (Largo do Coimbra, S/Nº - Centro)

Oficinante: Prof. Ms. Diego Fernandez

Público: população e turistas

19h - Missa Solene em comemoração ao aniversário de morte de Antônio Francisco Lisboa, o

Aleijadinho. Ação de graças pelos 50 Anos do Museu Aleijadinho

Local: Igreja de São Francisco de Assis (Largo do Coimbra, S/Nº - Centro)

Participação do Coral Cidade dos Profetas

APÓS A MISSA, ENTREGA DA MEDALHA DO **ALEIJADINHO**

Local: Igreja de São Francisco de Assis (Largo do Coimbra, S/Nº - Centro)

Responsável: Museu Aleijadinho & Prefeitura Municipal de Ouro Preto.





Jornal O Arquidiocesano - 1968



Certidão óbito Antônio Francisco Lisboa - Aleijadinho 18-11-1814

ANEXO II



MUSEU ALEIJADINHO

ATIVIDADES MUSEOLÓGICAS / MUSEOGRÁFICAS E PEDAGÓGICAS 2016

Atendimento a 48.671 (quarenta e oito mil seiscentos e setenta e um) estudantes do ensino fundamental, médio e superior de escolas particulares, da rede pública, estadual e municipal. O Museu prestou acompanhamentos através de seus funcionários, estagiários e também de guias locais e professores.

2) O Museu atendeu a 45.970 (quarenta e cinco mil novecentos e setenta) estudantes do ensino fundamental, provenientes dos Estados do Brasil e de diversos países estrangeiros, oferecendo atendimento especial gratuito a pessoas de Instituições religiosas, culturais, embaixadas, oferecendo gratuidade solicitada pelos poderes públicos para visitação de autoridades civis e militares.

OBS: Os moradores de Ouro Preto têm acesso gratuito ao Museu Aleijadinho em qualquer época do ano.

Fonte: Museu do Aleijadinho / Escritório Paroquial .

ANEXO III



MUSEU ALEIJADINHO

DEMONSTRATIVO DE ACESSO - 2017

Meses	Pagantes	Estudantes	Total
Janeiro	5.093	3.695	8.788
Fevereiro	2.174	1.382	3.556
Março	2.995	2.102	5.097
Abril	5.605	4.380	9.985
Maio	3.095	5.940	9.035
Junho	4.297	2.867	7.164
Julho	5.943	5.144	11.087
Agosto	3.655	5.813	9.468
Setembro	2.969	7.407	10.376
Outubro	2.737	5.521	8.258
Novembro	3.449	5.920	9.369
Dezembro	3.690	3.051	6.741
	56.189	51.649	107.838

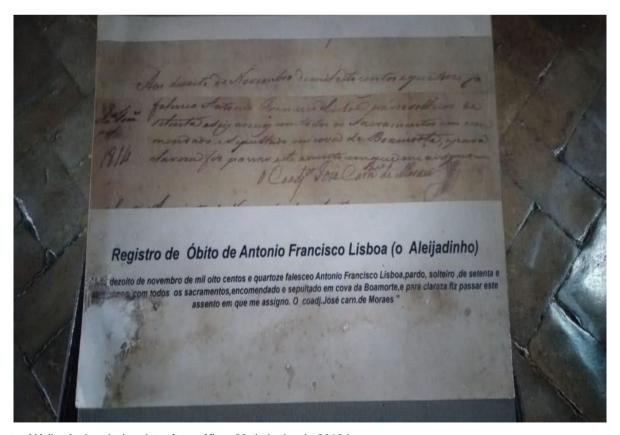
Fonte: Museu Aleijadinho

ANEXO IV



MUSEU ALEIJADINHO

ALGUMAS PEÇAS DO ACERVO DO MUSEU ALEIJADINHO

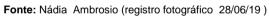


Fonte: Nádia Ambrosio (registro fotográfico 28 de junho de 2019)



Fonte: Nádia Ambrosio (registro fotográfico 28 de junho de 2019)







Fonte: Nádia Ambrosio (registro fotográfico 28/06/19)



Fonte: Nádia Ambrosio (registro fotográfico 28 de junho de 2019)





Fonte: Nádia Ambrosio (28 /06/19) Fonte: Nádia Ambrosio (28 /06/19)



Fonte: Nádia Ambrosio 28 de junho de 2019



Fonte: Nádia Ambrosio (registro fotográfico 28 de junho de 2019)



Fonte: Nádia Ambrosio (registro fotográfico 28 de junho de 2019)

